
Mídia e história: a construção da imagem profissional do enfermeiro

Alexandre Lopes*

Jéssica de Cássia Rossi**

Rosilene Maria Santos Reigota***

RESUMO

O presente estudo buscou identificar a construção de estereótipos históricos do enfermeiro por meio de revisão bibliográfica, e a partir destas, as figuras que ainda permanecem e comumente são veiculadas pelas mídias. Para tanto, apresentamos reflexões teóricas que apontam a imagem dualista da enfermagem registrada pela história, a qual é ora de cuidado e sagrado e ora é profana e de pouco conhecimento científico. Apontamos também como a mídia tem influenciado na construção desse

*Enfermeiro (2012) pela Unip/Bauru e Aluno Regular do Programa de Pós-Graduação Especialização em Docência no Ensino Superior (2014) pela Uningá/Botucatu. E-mail: alexandre.btu@bol.com.br.

**Relações Públicas (2007) e Mestre em Comunicação (2011) pela Unesp/Bauru. Doutoranda em Ciências Sociais pela Unesp/Marília e Professora dos cursos de Jornalismo, Publicidade e Relações Públicas da Universidade Sagrado Coração (USC), Bauru/SP. Membro do Gepcom. Email: jessicacrossi@yahoo.com.br.

***Enfermeira Obstreta (1983) pela USC/Bauru e Doutora em Saúde Coletiva (2012) pela Unesp/Botucatu e Coordenadora Auxiliar e Docente do Curso Enfermagem Universidade Paulista (UNIP) – Campus Bauru-SP. e-mail: rreigota@uol.com.br.

conceito. Após isso, mostramos como foi realizada nossa pesquisa bibliográfica em nossas discussões e apresentamos os principais resultados identificados. Sobre isso, notamos que, ao longo dos anos, enraízam-se alguns estereótipos negativos e de desvalorização da profissão. E estes, geralmente são os mais utilizados pela mídia contemporânea.

Palavras-chave: comunicação; enfermagem; estereótipos; revisão bibliográfica; teoria social da mídia.

INTRODUÇÃO

A enfermagem, em sua maioria, constituída por profissionais do gênero feminino, está sujeita no imaginário popular por uma figuras que variam entre o sagrado e o profano, entre a imagem de cuidadora e a erotização do corpo, de modo que essa imagem proporciona dissimulações no senso comum e na publicidade (COLPO et. al., 2006).

Sampaio apud BORGES et. al. (2003) realizou um estudo em que ao analisar as imagens das enfermeiras veiculadas na mídia impressa e televisiva constatou na época, diferentes personagens morais desempenhados pela profissão como: a mãe, a irmã, a santa, o anjo, a sombra do médico e a imagem de mulher objeto. No entanto, muito pouco condisse com a real situação. Por isso, o objetivo do presente trabalho é identificar a construção de estereótipos históricos do enfermeiro por meio de revisão bibliográfica, e a partir destas, as figuras que ainda permanecem e comumente são veiculadas pela mídia.

Para tanto, apresentamos reflexões teóricas que apontam a imagem dualista da enfermagem registrada pela história, a qual é ora de cuidado e sagrado e ora é profana e de pouco conhecimento científico. Apontamos também como a mídia tem influenciado na construção desse conceito, já que os veículos de comunicação exercem um papel social significativo na veiculação das informações sobre os enfermeiros.

Após isso, mostramos como foi realizada nossa pesquisa bibliográfica em nossas discussões e apresentamos os principais resultados identificados. Sobre isso, notamos que, ao longo dos anos, enraízam-se alguns estereótipos negativos e de desvalorização da profissão. E estes, geralmente são os mais utilizados pela mídia contemporânea. Por fim, apresentamos algumas considerações acerca de tema à luz de nosso objetivo, pressupostos teóricos e ferramenta metodológica.

Além disso, a maioria dos estudos da imagem social do enfermeiro é feita

somente à luz da teoria. Segundo Luchesi et. al. (2009), existem artigos sobre a imagem social do enfermeiro, porém poucos artigos são resultados de pesquisa da influência dessa imagem à classe. Essa constatação aponta a necessidade de um estudo específico sobre o assunto a fim de observar e propor melhorias a imagem social do enfermeiro junto ao público e aos profissionais da área da saúde.

A IMAGEM DUALÍSTICA DA ENFERMAGEM SEGUNDO A HISTÓRIA

A imagem da enfermagem é caracterizada inicialmente pela presença da mulher na construção de sua história, em que a palavra derivada do latim *nutrix* correspondia a “mãe enfermeira”, que cuidava de uma criança que geralmente não era sua. Ao longo dos séculos a palavra evoluiu e se tornou associada a uma pessoa que cuida de enfermos, no qual este papel em sua maioria era assumido por mulheres que apresentavam desejo e habilidade de cuidar. Esse conhecimento desenvolvido era passado oralmente de geração para geração, em que se relacionava o ato de cuidar com a religiosidade e o sagrado (NAUDERER; LIMA, 2005).

No início do século XVI, ocorreu a *Reforma Protestante*, na qual em alguns países houve a expulsão de cuidadoras religiosas dos hospitais. Esse acontecimento obrigou muitos hospitais a contratar mão de obra desqualificada e com baixa remuneração. Destarte, a enfermagem passa a ser exercida por mulheres de moral duvidosa: prostitutas, alcoolistas e analfabetas. Nesse período então, a formação da enfermagem passa a ser dualista, sendo por um lado exercida por religiosas e senhoras de caridade, bondosas, devotadas, dedicadas a filantropia, e por outro lado, era exercida por mulheres leigas, mercenárias, subornáveis e prostitutas (GENTIL, 2009).

No Brasil, nessa época, a enfermagem tinha cunho essencialmente prático, em que os requisitos para se exercer a função de enfermeira eram mínimos. Essa condição perdurou-se até o início do século XX, sendo que durante esse período não eram exigidos qualquer nível de escolaridade para o exercício da profissão e para sua prática eram embasados conhecimentos puramente empíricos (NAUDERER; LIMA, 2005).

Conforme Padilha e Mancia (2005), no século XIX tem início a enfermagem moderna com o ritual científico do cuidar de Florence Nightingale, que ao criar a primeira escola de enfermagem, na Inglaterra, utilizava do rigor técnico para o preparo das candidatas e dos profissionais de ensino. Além disso, priorizava as qualidades morais das candidatas, numa tentativa de desvincular a antiga imagem das cuidadoras.

No Brasil, no início do século XX, apesar da contribuição de Anna Nery para enfermagem brasileira, o modelo que se segue é da profissão considerada inata às mulheres. Colpo et. al. (2006) concordam que durante esse período ocorreu um interesse muito forte da sociedade machista em desvincular o sexo masculino da enfermagem. Foi imposto à mulher, como enfermeira o silêncio e a submissão, o dedo em riste sobre a boca se tornou figura da enfermagem na imaginação da sociedade, um profissional emudecido.

Ainda referindo Colpo et. al. (2006), devido a trajetória da enfermagem ter sido exercida por práticas manuais e reforçada pela fragilidade da mulher, associou-se o gênero à classe, sendo visto como um trabalho socialmente desvalorizado.

TEORIA SOCIAL DA MÍDIA E A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE ENFERMAGEM

Tendo em vista, a imagem dualística da profissão de enfermagem, a qual oscila entre o sagrado e o profano, verificamos como a mídia tem usado esse conceito na atualidade. Para tanto, primeiro explicamos o papel da mídia na sociedade moderna, a partir da Teoria Social da Mídia, e como ela influencia a imagem do profissional de enfermagem.

Para compreendermos o papel social da mídia, devemos compreender, antes de tudo, como se configura o espaço social em que os indivíduos se relacionam. De acordo com Thompson (2008, p.21), um conjunto social é composto por indivíduos que buscam realizar diferentes objetivos a partir de condições previamente estabelecidas a fim de proporcionar oportunidades para, pelo menos, uma parte desses indivíduos. Essas condições determinam a distribuição do poder social que não ocorre de maneira igualitária, mas sim de modo desproporcional. A quantidade de poder que um indivíduo possui determina a quantidade de recursos disponíveis a ele. Isso leva os indivíduos a adotarem diferentes posicionamentos sociais assegurados, muitas vezes, pelas instituições sociais. Elas é que controlam a distribuição de poder porque são responsáveis pelas regras, recursos e relações que dão coesão a uma sociedade a fim de que esta possa atingir seus objetivos. As instituições sociais regulam o poder por meio de uma série de mecanismos que determinam o posicionamento dos indivíduos.

O poder é o fator condicionante do posicionamento social de uma pessoa. O poder pode ser entendido, de acordo com Thompson (2008, p.21) como, “[...] a capacidade de agir para alcançar os próprios objetivos ou interesses, a capacidade de intervir no curso dos acontecimentos e em suas consequências”. Quanto mais poder

um indivíduo tem, maior é seu grau de influência sobre seus objetivos e interesses. Devemos lembrar que o poder não se restringe à política ou às ações do Estado. O poder, segundo Foucault (1996), está presente em toda sociedade, nas mais diversas situações cotidianas. Todos os indivíduos exercem diferentes graus de poder em sociedade.

De acordo com Mann (apud THOMPSON, 2008, p.22), existem quatro formas de poder em uma sociedade que são: o poder econômico; o poder político; o poder coercitivo; e o poder simbólico. São categorias analíticas de poder que explicam as diferentes formas de atuação dos homens e as diferentes formas de recursos que eles utilizam para exercer o poder. A seguir, definimos melhor cada um deles:

Poder Econômico: consiste na produção de bens a partir de recursos materiais e/ou financeiros que servem para a subsistência humana e que podem ser trocados em um mercado. Quanto mais recursos um indivíduo ou uma organização acumula, mais poder econômico ele ou ela têm. Exemplo: Empresas Comerciais;

Poder Político: se refere à capacidade de regulamentação e coordenação das ações dos indivíduos em uma sociedade. Esse poder é exercido por um conjunto de instituições por meio de um sistema de regras e procedimentos. Elas mostram como os indivíduos devem agir. Exemplo: O Estado;

Poder Coercitivo: se realiza por meio do uso da força física ou armada contra um oponente. Quanto mais força física e armas um indivíduo, organização ou país possui, maior é sua capacidade de eliminar seu inimigo ou submetê-lo à sua vontade. Exemplo: A Polícia;

Poder Simbólico: é um poder que surge a partir das atividades de produção, circulação e recepção de conteúdos simbólicos e está relacionado à capacidade de influenciar os acontecimentos, as ações de outras pessoas e criar novos eventos. Para tanto, os indivíduos utilizam os recursos dos meios de informação e comunicação para intervir nas ações simbólicas. Exemplo: As Indústrias da Mídia.

Por essa classificação, vemos que a atuação da mídia se localiza no exercício do poder simbólico, juntamente com outras organizações como as instituições religiosas (como as igrejas) e as instituições educativas (como as universidades). Consideramos importante essa constatação porque ela identifica o tipo de poder que a mídia exerce em sociedade e, conseqüentemente, seu papel social. Tendo isso claro, observamos que o poder simbólico da mídia influencia o universo cognitivo das pessoas e a percepção que elas têm sobre os mais diversos temas, como acontece com a área de enfermagem.

Como nos mostrou Mann (apud THOMPSON, 2008, p.22), o poder simbólico ocorre nas atividades de produção, transmissão e recepção de formas simbólicas

através dos meios de informação e comunicação. O funcionamento desses meios depende de uma série de recursos como:

[...] os meios de fixação e transmissão; as habilidades, as competências e formas de conhecimento empregadas na produção, transmissão e recepção de informação e de conteúdo simbólico [...] e o prestígio acumulado, o reconhecimento e o respeito tributados a alguns produtores ou instituições (THOMPSON, 2008, p.24).

Essa série de recursos garante o funcionamento dos meios de informação e comunicação que têm a capacidade de influenciar as atitudes e atividades dos indivíduos de diversas maneiras. Por ter esse poder, a mídia e outras instituições religiosas e educacionais ocupam um papel muito importante em sociedade. Frequentemente, surgem diferentes meios de comunicação e tecnologias que facilitam o acesso às mensagens em diversos lugares do mundo. Por isso, acontecimentos e informações ligadas a área de enfermagem são divulgados às pessoas com muito mais intensidade (ROSO et. al., 2002).

Precisamos ficar atentos/as às práticas veiculadas nos meios de comunicação de massa, já que é dentro de um processo quase mágico, veloz e sutil que mensagens - formas simbólicas -, dos tipos mais diversos, passam a interagir com as diversas culturas, criando representações e transformando relações (IBIDEM, 2002, p.76).

A veiculação de representações pela mídia por meio de imagens ou textos na perpetuação de estereótipos já formados ou na contribuição para a formação de novas representações tem sido importante, sem que haja, muitas vezes, correspondência com a realidade (KEMMER; SILVA, 2007 B). Nesse contexto, acreditamos que os veículos de comunicação manipulem as informações nem sempre coerentes ao cotidiano da profissão, como atividades, cargos, grau de escolaridade, fazendo com que no caso da enfermagem haja depreciação desse conceito profissional.

Comumente, a imagem conduzida pela mídia contemporânea apresenta, na maioria das vezes, a figura erotizada da profissional de enfermagem, referenciando-a como objeto sexual, fazendo com que o receptor traga essa imagem para a realidade de seu cotidiano, havendo uma concepção errada do comportamento deste profissional (COLPO et. al., 2006).

Ainda no trabalho de Colpo et. al. (2006), é citado que em uma notícia da página eletrônica do *Conselho Regional de Enfermagem de São Paulo*, na qual identificamos o relato de uma enfermeira: “Meu filho de 6 anos estava mudando de canal quando viu a “enfermeira” do programa. Perguntou-me se era aquele o trabalho que eu fazia no hospital [...]”. Portanto, esse fato sugere o reforço da imagem distorcida da profissão pelos meios televisivos.

Outrora, a mídia criou, ao longo dos anos, um estereótipo do enfermeiro em que veicula um profissional sem poder, sem autonomia, sem conhecimento, sem voz, condicionando a sociedade a considerar essas representações sociais de submissão por parte deste profissional (KEMMER; SILVA, 2007 A). Esses “símbolos” são geralmente encontrados nas telenovelas, em qual um exemplo recente foi a técnica de enfermagem “Norma”, personagem vivida por Gloria Pires, em que a mesma era referenciada como enfermeira na novela *Insensato Coração* (PORTO, 2011).



Figura 1: Cena da novela *Insensato Coração* – Globo. Fonte: Porto H (2011)

Notamos que o termo “enfermeira” é traduzido de forma genérica, não fazendo distinção de qualquer profissional dentro da enfermagem no uso de sua imagem. Percebemos, primeiramente, que não são respeitados os níveis hierárquicos de formação: Enfermeiro, com formação de nível superior; Técnico de enfermagem, com formação equivalente ao nível médio; e Auxiliar de enfermagem, com função assistencial em processo de atualização para nível técnico (LOPES; LEAL, 2005).

O Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) (2011, p.1) por meio do Código de Ética dos Profissionais de Enfermagem adverte:

Capítulo IV- Da Publicidade- Responsabilidades e deveres: Art.105 “Resguardar os princípios da honestidade, veracidade e fidedignidade no conteúdo e na forma publicitária”. Art. 106 “Zelar pelos preceitos éticos e legais da profissão nas diferentes formas de divulgação”.

E das proibições: “Art. 107 “Divulgar informações inverídicas sobre assunto de sua área profissional”. Art. 109 “Anunciar título ou qualificação que não possa comprovar” (COFEN, 2011). Embora, o Código de Ética da categoria conte com

dispositivos jurídicos que defendem a atuação dos enfermeiros, acreditamos que a legislação não foi respeitada.

O COFEN busca, por medidas judiciais, controlar este tipo de exposição do profissional, visto que na maioria dos casos induz o conceito social a formas inverídicas. Dentre essas ações, o COFEN buscou inibir o veículo dessas imagens em seriados (ESTADO, 2003), em dançarinas de grupos musicais (NASCIMENTO, 2001) e em peças artísticas (BERGAMO, 2008).



Figura 2: Adriane Galisteu- Encenação teatral. Fonte: Bergamo M. (2008)

Portanto, um sério problema surge quando formas simbólicas contribuem para reforçar estereótipos, relações de dominação ou de exclusão a um indivíduo ou grupo. Nessa ótica, uma das maneiras para romper esses conceitos é analisar como as formas simbólicas se relacionam ao cotidiano (ROSO et. al., 2002).

METODOLOGIA

Para a realização deste artigo, utilizamos como metodologia a pesquisa bibliográfica, a qual:

[...] trata-se do levantamento de toda a bibliografia já publicada em forma de livros, revistas, publicações avulsas em imprensa escrita. Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo aquilo que foi escrito sobre determinado assunto, com o objetivo de permitir ao cientista o reforço paralelo na análise de suas pesquisas ou manipulação de informações. (MARCONI; LAKATOS, 2001, p.43-44).

Buscamos fazer uma revisão literária sobre temas relacionados à trajetória

histórica da enfermagem e sua representatividade perante a sociedade de cada época. Dessa forma, levantamos artigos, notícias impressas e digitais e vídeos nos últimos dez anos (2001-2011). Durante esse levantamento, alguns estereótipos da profissão se destacaram, em que buscamos o entendimento de sua aparição.

Traçado uma cronologia da representatividade da enfermagem perante a sociedade, trouxemos os principais conceitos da profissão para os nossos dias, e tentamos entender sua permanência.

Também buscamos identificar a permanência e a propagação de estereótipos negativos a este profissional e a profissão pelos meios de comunicação. Para tal, realizamos a busca dessas figuras veiculadas por meios eletrônicos, noticiários e televisão.

DISCUSSÃO

Notamos que algumas figuras da enfermagem foram constituídas antes mesmo do nascimento da profissão e outras durante o processo de desenvolvimento de sua prática. A julgar que uma grande parte dessas imagens são referenciadas atualmente, acreditamos que conceitos primitivos foram carregados através dos anos e das transformações da profissão, chegando até os dias de hoje.

A enfermagem traz consigo um forte enlace com a população requerente dos meios de saúde, seja na prestação de serviços individuais ou de grupos. Dessa forma, muitas vezes, a interação entre ambas vem precedida de conceitos pré-existentes, o que pode prejudicar o entendimento da realidade profissional (SANTOS; LUCHESI, 2002).

Quando características em desacordo com a realidade de grupos ou classes sociais são atribuídas pela sociedade, isto significa que estes ainda não possuem identidade própria. Apesar de várias transformações da enfermagem tanto no referencial prático quanto científico, a mesma ainda é vista como a enfermagem do início dos séculos (PERSEGONA et. al, 2009; ROSO et. al., 2002).

A partir da Teoria Social da Mídia, sabemos que a mídia tem o poder simbólico de influenciar o universo cognitivo das pessoas e forma como elas pensam determinado assunto. Por isso, no caso da enfermagem, o que se percebemos é que circulam figuras construídas num passado distante, mas que ainda é usufruto dos meios de comunicação. Figuras erotizadas, de baixo valor social dentre outros (COLPO et. al., 2006; KEMMER; SILVA, 2007B; ROSO et. al., 2002).

Relevando esses fatos, acreditamos que figuras pejorativas construídas no passado assombrarão a classe por meio da opinião social e dos veículos de comunicação, até que se prove o contrário.

Para alguns autores, a imagem de uma profissão pode ser delineada pelo que a sociedade compreende do seu trabalho e por como os profissionais se percebem. Com isso, se não houver inicialmente uma valorização vinda do próprio profissional, pouco será mudado no conceito social. Desta forma, até mesmo implicações de como o profissional é visto pode gerar insatisfação pelo exercício do seu trabalho (GENTIL, 2009; KEMMER; SILVA, 2007B; PADILHA; MANCIA, 2005).

Alguns achados históricos mostram a enfermagem como mera expectadora nas transformações sociais e políticas a sua volta, o que ao longo dos anos gerou falta de autonomia profissional, prestígio social e pobreza política, limitando a sua visão somente a procedimentos técnicos (LIMA; SAMPAIO, 2007).

Alguns estudos identificaram a invisibilidade do enfermeiro por meio das representações sociais. Nestas, os enfermeiros estão subordinados à área médica, são identificados como auxiliares de médico, são caracterizados como realizadores de tarefas simplesmente técnicas e como atuação de profissão de mão de obra barata (KEMMER; SILVA, 2007a).

Desta forma, acreditamos que o enfermeiro ao longo dos anos ficou condicionado as delineações impostas pela sociedade e acomodou-se. Acreditando que nada poderia ser feito além do que já existia ou que foi imposto.

Para Borges et. al. (2003), para viabilização da enfermagem como prática social, é necessário que o enfermeiro tenha um posicionamento político e não apenas como profissional desprovido de caráter questionador, descaracterizando o seu poder transformador da sociedade. Ou seja, é necessário ser atuante e questionador dos seus direitos dentro e fora do ambiente hospitalar.

Para Lima e Sampaio (2007), o caráter político do enfermeiro poderá gerar um salto de qualidade na relação do profissional com o seu meio, não interferindo na sua prática e objetivos. Essa “prática política” virá profundamente carregada de valores sociais.

Além disso, subsidiado pelo conhecimento político, o enfermeiro tende a se tornar um profissional de mudança, pois irá dispor de instrumentos de poder e força. O conhecimento acima das paredes do ambiente de trabalho trará reflexões a fim de interferir politicamente nas questões da saúde e nas pessoas com que a ela interagem, de forma a as mobilizarem (PERSEGONA et. al., 2009).

A formação de conceitos negativos à classe, além de poder prejudicar a interação

enfermagem-paciente devido a essa dissonância, podem causar problemas para a classe, pois percepções e crenças distorcidas podem influenciar no comportamento e na desvalorização de si mesmas (COLPO et. al., 2006).

Não basta que os profissionais enfermeiros desenvolvam competências técnicas, cognitivas e éticas apenas para a capacitação da prática de cuidados, é preciso adquirir uma imagem hierárquica, política e de poder, para subverter concepções de sua prática, visando à valorização pelos demais (BORGES et. al., 2003).

Portando, ao enfermeiro cabe defender sua posição como profissional, buscando a valorização de sua formação acadêmica tanto em conceitos técnicos, de poder e políticos, tornando-se assim um profissional diferenciado e essencial na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em nossa fundamentação teórica, vimos que os estereótipos da enfermagem foram constituídos durante sua história e que alguns deles foram carregados durante sua trajetória. No entanto, muitas dessas figuras não são ou deixaram de ser coerentes com o seu cotidiano. Essas ocorrências contribuíram para disseminar vários conceitos sobre a imagem do enfermeiro, de forma a causar certa confusão de sua identidade dentro e fora das instituições.

Após isso, constatamos que atualmente, muitos veículos de comunicação, tendo como principal a televisão, articulam variadas formas de identificar este profissional, muitas vezes de forma pejorativa. Isso contribui com a desconfiguração da identidade própria do enfermeiro dentro da sociedade e instituições.

Também, é fundamentada para a contribuição dessa falta de identidade, a falta de ação do enfermeiro e da enfermagem em questões de interesses próprios. Sejam elas na valorização da sua imagem ou no questionamento de seus direitos sócio-políticos.

Diante disso, notamos que, ao longo dos anos, enraízam-se alguns estereótipos negativos e de desvalorização da enfermagem, os quais, geralmente são os mais utilizados pela mídia contemporânea. Desse modo, realizamos o objetivo do nosso trabalho que foi identificar a construção de estereótipos históricos do enfermeiro por meio de revisão bibliográfica, e a partir destas, as figuras que ainda permanecem e comumente são veiculadas pela mídia.

Portanto, acreditamos que a perpetuação desses conceitos faz com que a sociedade não entenda como é a atuação do enfermeiro, de modo a não reconhecer ações privativas do enfermeiro. Essas características podem desvalorizar o

profissional e a classe, retendo assim seu poder de mudança. Nesse sentido, esperamos que o presente artigo possa, de alguma forma, estimular novos estudos sobre o tema a fim de aprofundar o conhecimento científico na área.

REFERÊNCIAS

BERGAMO, Mônica. Galisteu é processada por vestir fantasia de enfermeira sexy. **Folha online. Ilustrada, 2008. Disponível em:** <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u408160.shtml>> **Acesso em: 18 out. 2011.**

BORGES, Moema da Silva et. al.. Representações sociais do trabalho da enfermagem: as ancoragens estruturais na visão da sociedade brasileira. **Ciência, cuidado e saúde.** Maringá, 2(2): p.113-122. Jul-dez, 2003.

COFEN. Código de ética dos profissionais de enfermagem. **Conselho Federal de Enfermagem, 2011. Disponível em:** <<http://site.portalcofen.gov.br/node/4158>> **Acesso em: 01 set. 2011.**

COLPO, Julio Cesar et. al.. A imagem corporal da enfermeira como objeto sexual na mídia: um assédio a profissão. **Cogitare Enferm,** 11(1): p.67-72. Jan-abr, 2006.

ESTADO, São Paulo. Conselho de Enfermagem processa Globo. **Caderno 2, 2003. Disponível em:** <<http://www.estadao.com.br/arquivo/artelazer/2003/not20030717p2809.htm>> **Acesso em: 10 out. 2011.**

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** 12 ed. Rio de Janeiro: Graal. 1996.

GENTIL, Rosana Chami. O enfermeiro não faz marketing pessoal: a história explica por quê? **Rev Bras Enferm.** Brasília, 62(2): p.916-8. Nov-dez, 2009.

KEMMER, Ligia Fahl; SILVA, Maria Júlia Paes. A visibilidade do enfermeiro segundo a percepção de profissionais de comunicação. **Rev Latino-am Enfermagem, 2007(B). Disponível em:** <http://www.scielo.br/pdf/rlae/v15n2/pt_v15n2a02.pdf> **Acesso em: 01 set. 2011.**

KEMMER, Ligia Fahl; SILVA, Maria Júlia Paes. Como escolher o que se não conhece? Um estudo da imagem do enfermeiro por alunos do ensino médio. **Acta Paul Enferm,** 20(2): p.125-30, 2007(A).

LIMA, Washington Campos Barbosa; SAMPAIO, Sueli Fátima. Competência política do enfermeiro. **Rev Gaúcha Enferm,** Porto Alegre, 28(4): p.564-9. Dez, 2007.

LOPES, Marta Júlia Marques; LEAL, Sandra Maria Cezar. A feminização persistente na qualificação profissional da enfermagem brasileira. *Cadernus pagu*, (24): p.105-25. Jan-jun, 2005.

LUCHESE, Luciana Barizon et. al.. Elaboração de instrumento para análise da imagem do enfermeiro frente a alunos do ensino médio. *Rev Esc Enferm USP*, 43(2): p.272-8, 2009.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5 ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas. 2001.

NASCIMENTO, Carla. Justiça Federal proíbe Scheila Carvalho de usar roupa de enfermeira. **Folha online. Ilustrada, 2001. Disponível em:** <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u19941.shtml>> **Acesso em: 10 out. 2011.**

NAUDERER, Taís Maria, LIMA, Maria Alicia Dias da Silva. Imagem da enfermeira: revisão da literatura. *Rev Bras Enferm*, 58(1): p.74-7. Jan-fev, 2005.

PADILHA, Maria Itayra Coelho de Souza; MANCIA, Joel Rolim. Florence Nightingale e as irmãs de caridade: Revisitando a história. *Rev Bras Enferm*, 58(6): p.723-6. Nov-dez, 2005.

PERSEGONA, Karin Rosa et. al.. O conhecimento político na atuação do enfermeiro. *Esc Anna Nery Rev Enferm*, 13(3): p.645-50. Jul-set, 2009.

PORTO, Henrique. Nova trama das 21h, “Insensato coração” destaca dramas familiares. **Portal eletrônico G1 de notícias, 2011. Disponível em:** <<http://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2011/01/nova-trama-das-21h-insensato-coracao-destaca-dramas-familiares.html>> **Acesso em: 19 set. 2011.**

ROSO, Adriana et. al.. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. *Psico e Socied*, 14(2): p.74-94. Jul-dez, 2002.

SANTOS Claudia B; LUCHESE, Luciana Barizon. A imagem da enfermagem frente aos estereótipos: uma revisão bibliográfica. **An 8 Simp Bras Comum Enferm. 2002. Disponível em:** <http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC000000052002000200009&script=sci_arttext> **Acesso em: 25 out. 2011.**

THOMPSON, J.B. **A Teoria Social da Mídia**. Trad. de Wagner de Oliveira Brandão. 9 ed. Vozes: Petrópolis. 2008.